

tve.es

CIRCULAR
FRATERNAL
VIDAS PELA
VIDA

1996

PEDRO CASALDÀLIGA

www.fpedrocasaldaliga.org

Pere

FUNDACIÓ
PERE
CASALDÀLIGA

Irmãs, irmãos, companheiros de esperança, "esperançosos e esperançosos" (Ellacuría) agora mais do que nunca, porque os tempos "oficiais" não são bons para o povo. Embora o Tempo de Deus, a chegada de seu Reino, continue a ser mais do que bom e urgente.

Esta circular, que continua fraterna, atinge um círculo tão diferenciado que me obriga a tocar em temas "maiores", deixando mais referências caseiras na máquina e no meu coração. O tom da carta também se torna mais aberto em sua perspectiva, menos intra-eclesiástico ... Espero que este aviso prévio nos ajude no mútuo entendimento.

Três eventos me dão a matéria-prima e o fôlego para esta carta circular:

-a Romaria dos Mártires da "Caminhada" latino-americana, em Riberirão Cascalheira;

-minha visita ad limina em Roma, e minha viagem a Assis;

-a Assembleia do Povo de Deus (APD), na Colômbia.

Vida e suas testemunhas

Nunca como hoje a Vida se tornou o grande paradigma de referência para encontros, marchas, manifestos e para a própria teologia. Parece que finalmente chegamos a reconhecer, com nosso Santo Romero da América, que a Vida é, de fato, aquele dom máximo e mínimo de Deus. Fala-se mesmo de "cultura da vida" em oposição à mal denominada "cultura da morte" (a própria cultura é sempre da vida e para a vida). A nova febre da ecologia está se tornando, cada vez mais, não mais uma moda bucólica ou uma bandeira minoritária, mas uma verdadeira obsessão mundial pela vida no universo.

Nossos teólogos e comunidades têm invocado cada vez mais Deus - o Deus de sempre - como Deus da Vida. De fato, ao longo da história da salvação, em nossos escritos judaico-cristãos, ele se revela como o

único Senhor da vida (Gn 2, 9; 2 Mac 14, 46; Mt 4, 17; Rm 1,16). Ele intervém sempre que a vida é ameaçada ou quando é negada (Gn 21,12; Ex 20,13; Lv 24,17; Rm 13,9). E seu Filho, Jesus de Nazaré, declarou-nos que veio para que todos nós tenhamos vida e a tenhamos em abundância (Jo 10,10).

Para citar algumas referências mais próximas a nós sobre aquela presença persistente da vida nos documentos e nos encontros, recordo: "O Evangelho da Vida", encíclica de João Paulo II; "Uma esperança viva", lema da Assembleia do Conselho Latino-Americano de Igrejas, no Chile, no ano passado; "O Evangelho nas culturas, caminho de vida e esperança", tema do COMLA V; a "Eucaristia, Vida para a Igreja", tema do Congresso Eucarístico Nacional que se realizará em Vitória; "Vida acima de tudo", da XI Assembleia Nacional da Pastoral Obrera do Brasil; Primeiro Encontro sobre "Qualidade de Vida na América Latina", realizado em São Paulo; "Construindo a Vida", lema do dia nacional da juventude brasileira; "Terra, mãe da Vida", como um primeiro grito no "Grito O dois excluídos", executado com tanta força em nosso Brasil; "Opção pelos pobres, opção pela vida", do X Seminário de formação teológica na Argentina e "Dar vida na opção pelos pobres", do XI Seminário. A organização indígena CONAI do Equador respondeu muito profeticamente a um comandante geral que negou o sentido de suas reivindicações: "Estamos lutando pela Vida, não só por nós, os indígenas, mas por todos os equatorianos, latino-americanos, todo o povo de Deus".

O Boletim REDE, de cristãos de classe média, publicado em Petrópolis, sublinhou, pensando nas tendências ecumênicas deste final de milênio, que "não há verdadeira presença cristã se não se defende a vida ameaçada, especialmente a vida dos pobres ameaçados pela (des) ordem neoliberal". Nosso São Romero atualizou e localizou a frase de São Irineu, afirmando que: "a glória de Deus é que os pobres vivem". A "qualidade de vida" postulada pelo primeiro mundo não pode ser privilégio de poucos. A vida dos pobres definirá sempre, em termos humanos e cristãos, a opção pela vida.

O boletim Nueva Tierra, de Buenos Aires, apresentou esta pauta de verbos a serviço da vida como uma ladainha de sonhos e compromissos:

"Compartilhar a vida, criar vida, acreditar na vida, fazer vida, dar vida, multiplicar vida, honrar vida, dar vida, arriscar vida, ser ativistas da vida, defender a vida, buscar a vida, respeitar a vida, construir vida, preservar a vida, aproveitar vida, comprometer vida, valorizar vida, inventar vida, celebrar vida ”.

Em contraste, a morte continua a causar estragos, estruturais, escandalosos, em nossa humanidade neoliberal. Com drama oportuno, o mais recente ganhador do Nobel de literatura, Seamus Heaney, se autodenomina "um soldado em fuga". E numa análise sobre sociedade civil e violência, publicada pelo IBASE, Isabel Carvalho suspira por “poder sair à rua e exigir que no fim vale a pena estar viva”. A Anistia Internacional informou que trinta e dois países executaram em um ano mais de duas mil pessoas, condenadas à morte, e cento e doze estados normalmente praticaram tortura. Já sabemos que mais de um bilhão de pessoas, ou seja, um quinto da população mundial, vive em extrema pobreza, passando fome material. Na Colômbia, o narcotráfico, que financia a morte de tantas pessoas todos os dias, representa uma receita de três mil e quinhentos milhões de dólares por ano. Os números das mortes "matadas" em São Paulo ou no Rio de Janeiro são bem conhecidos: quinze, vinte por dia. Entre os índios Guaraní Kaiowá de Mato Grosso do Sul, desenraizados de suas terras e condenados ao trabalho semi-escravo, trinta e dois adolescentes se suicidaram na última década. Cem milhões de pessoas - 2% da população mundial - foram arrancadas de seu habitat. E estima-se que todos os dias cerca de 10.000 pessoas se somam à lista de refugiados.

A África é um continente inteiro condenado à morte pelos conflitos pós-coloniais, pelas armas exportadas pelo primeiro mundo, pela AIDS e pela fome. Vários países africanos transformaram-se hoje em salas de espera de uma morte, ao invés de "anunciados", decretados

internacionalmente.

O Rabino D. Goldman, falando dos corpos desaparecidos durante a ditadura militar chilena, pronunciou essas duas sentenças que deveriam abalar a todos nós, também como Igreja, a ponto de podermos todos ser cúmplices, pelo menos por amnésia:

Os mortos não deixam ninguém dormir até que a verdade seja conhecida.

Não saber de suas mortes é educar o desprezo pela santidade da vida humana.

Dentro deste panorama de vida e morte, a Prelazia de São Félix do Araguaia vai encerrar as comemorações dos 25 anos da sua ereção, com a ROMERIA DOS MARTIRES DA "CAMINHADA" LATINOAMERICANA, em Ribeirão Cascalheira, nos dias 27 e 28 de julho deste ano de 1996. Neste ano comemoramos o 20º martírio do Padre João Penido Burnier, assassinado a meus pés pela polícia militar quando nós dois tentávamos libertar duas camponesas que estavam sendo torturadas pela polícia.

Todos os amigos que nos acompanharam ao longo destes anos podem marcar as datas na agenda. As celebrações da Romaria começarão no dia 27 pela tarde e se encerrarão no dia 28 com o almoço comunitário.

Estamos reestruturando o Santuário. Pedimos a cada país da América Latina e do Caribe a fotografia de um mártir do respectivo país para que este Santuário seja realmente um dos mártires do "caminho" latino-americano. No caminho, porque são mártires recentes e testemunhas de sangue daquelas Causas que constituem o caminho dos nossos Povos e das nossas Igrejas no processo da grande Libertação.

Digo que celebramos essa peregrinação dentro deste panorama de vida e morte que nos rodeia. Os mártires, os nossos mártires, são aquelas, aqueles que negam a morte e dão a vida por um futuro melhor, de vida. Eles não são seres para a morte, eles são "chamados" para a morte para a vida.

Por ocasião do COMLA V (Congresso Missionário Latino-Americano) que celebramos em Belo Horizonte no último mês de julho, tive que apresentar a experiência de "Memória e animação missionária dos mártires da caminhada da Grande Pátria". Nessa comunicação, destaquei os seguintes aspectos:

-O Novo Testamento apresenta os primeiros evangelizadores como "testemunhas". "Vós sereis minhas testemunhas", pergunta Jesus. E já sabemos que "testemunhar" as últimas consequências equivale a um mártir. O Apocalipse evoca a comunidade dos seguidores de Jesus como alguém que passou pela "grande tribulação e lavou suas vestes no sangue do Cordeiro".

-Nossa América, nas últimas décadas, foi batizada como "o continente da morte e da esperança". Nossos povos e nossas igrejas passaram pela grande tribulação em grande número. E somos filhos / filhas de mártires, testemunhas de testemunhas. Uma "nuvem" de testemunhas nos precede e nos envolve. Poderíamos citá-los em uma enumeração assustadora. São calendários, pautas, livros coletivos ou monográficos, vídeos, filmes, datas consagradas, peregrinações ... que recolhem aquela memória - verdadeira "anamnese" - que quer e deve prevenir qualquer tipo de "amnésia".

-Este martírio da nossa América tem, desde as origens da evangelização no Continente, duas particularidades. É um martírio para os "pobres" e para os "outros".

-Entre nós o conceito de martírio se ampliou. Nossos mártires são mártires pelo Reino, não apenas pela confissão estrita de um artigo de fé cristã. Os nossos mártires não deram apenas o seu sangue

«pela Igreja»; eles também o deram "para o povo". "Sangue para o Povo" é o título do conhecido martirologio latino-americano que agora conta com um segundo volume, intitulado "Profetas para um novo mundo", ambos elaborados por Berta Arroyo.

-Em sua oblação pela Causa maior do Reino, nossos mártires são testemunhas do sangue de causas específicas, novas em certa medida e muito nossas. O mundo indígena, sua autonomia, seus territórios; a terra distribuída; os direitos humanos; a solidariedade; justiça ... Mártires pelo Reino da Vida, vidas dadas pela Vida. Contra todos os deuses da morte que nos perseguem, tão atualizados pelo lucro, pela arrogância, pela marginalização.

-Tudo isso nos ensina com uma nova luz que a consequência não é apenas venerar os mártires ou tomar suas relíquias, mas imitar os mártires e assumir suas causas. Assuma sua atitude de testemunha, consistente e radical e até as últimas consequências. Fazer com que o seu sangue frutifique nos dias de hoje do nosso «caminho», daí razão também histórica, mas também escatológica, da sua esperança. Eles não esperaram em vão, nem morreram em vão.

-Em uma de suas assembleias -1976- a Associação de Teólogos do Terceiro Mundo foi obrigada a "assumir o compromisso de primeiro ato de teologia." O primeiro ato de espiritualidade, digamos, de missão, de pastoral.

-Naquela exposição da COMLA, mais uma vez alertei sobre o perigo de cair em uma das três tentações da moda que nos perseguem:

- desistir de memória

- renunciar a cruz

- renunciar utopia ou esperança.

Esquecer os mártires, mesmo para uma “reconciliação” irenista e renunciar à radicalidade com que optaram pelas grandes causas do Reino, e ceder ao imediato e pragmático, seria realmente pecar com aquele triplo pecado tão dos nossos dias, pós-moderno no primeiro mundo, e pós-militantes no nosso terceiro mundo.

Evocamos, em nossa seção de COMLA, a figura do teólogo e mártir da resistência Dietrich Bonhoeffer, em seus 50 anos de testemunho radical. Ele começa seu livro "O preço da graça" com essas palavras vigorosas:

"Graça barata é o inimigo mortal de nossa Igreja. Hoje lutamos em favor da graça cara."

Jon Sobrino, falando dos mártires e das diferentes posições da Igreja hoje, adverte que o fator decisivo de uma ou outra posição (cumplicidade, suposta neutralidade, compromisso) está em “saber se a Igreja mantém a opção pelos pobres, a denúncia da opressão e do serviço aos oprimidos, até o martírio."

Sermos Igreja de Jesus, mas de outra forma

No ano passado, foi a vez dos bispos brasileiros fazerem a visita ad limina. Aos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, ao sucessor de Pedro, hoje João Paulo II. Essa visita, em devido tempo, já me deu algumas dores de cabeça e reputação eclesial. Velhos amigos vão se lembrar. Este ano fiz a visita junto com os bispos do Ceará e do Piauí, presidida pelo fraterno franciscano Dom Aloísio Lorscheider.

O que vou dizer sobre a visita ad limina? Bem, sim, pode ser útil para a Igreja. Mas certamente deveria ser diferente. E é importante notar que fomos recebidos com muita cordialidade em todos os Dicasterios; mas a colegialidade e a corresponsabilidade exigem mais do que cordialidade.

Achei o Papa muito acolhedor, sim, com as mãos em minhas mãos, ouvindo-nos, perguntando, rindo com humor, encorajando-nos até a instar os dicastérios e o núncio. Fisicamente, João Paulo II, aquele gigante polonês, está bastante deprimido. O ataque, o Parkinson ... Às vezes ele até me dava a impressão de um avô já de volta mas carinhoso. As batatas também envelhecem.

No entanto, é interessante retirar do boletim Adista -21 de outubro de 1995- a manchete que se dedica à última viagem do Papa aos Estados Unidos e ao seu discurso na ONU: "Viagem de Gulliver: os Estados Unidos nos devolvem um Papa gigante." Por sua forte condenação do etnismo e do racismo, por sua defesa da identidade nacional legítima, por sua exigência de uma Carta dos direitos das nações, por sua clareza ao abordar as questões candentes do grande país anfitrião: aborto, família, consumismo, o dever de solidariedade, multiculturalismo. Adista ainda afirma que apareceu "a imagem de um gigante em um mundo de liliputianos, de uma personalidade única e incomparável em um panorama humano de gente medíocre".

Na visita ad limina, como é de rigor, encontramos os vários Dicastérios ou "ministérios" e secretarias do Papa. Honestamente, fica-se entre decepcionado e perturbado com essas visitas. A Cúria Romana deveria ser outra coisa. Ele clama por uma renovação profunda. Senti, mais uma vez, pesado e encharcado. Nós, bispos, fizemos perguntas muito concretas e pastoralmente urgentes. As respostas dos Dicastérios foram geralmente vagas e demoradas. Às vezes sentíamos como se fôssemos baleados, como bolas brasileiras, de um dicastério para outro. E assim dissemos ao Papa.

Ousaria calcular - porque também sou Igreja e por amor da Igreja - que 70% do que é atribuído à Cúria Romana poderia ser melhor resolvido nas Igrejas particulares e nas Conferência Episcopais.

Não posso entrar em detalhes, porque não estou escrevendo um novo código de direito canônico. Obviamente, **o Vaticano deveria deixar de ser um estado**. Esta é uma convicção que cresce em mim com os

anos e a experiência eclesiástica. O problema da eleição dos bispos já é um exemplo típico. Sei, por informação direta, que o próprio Papa, referindo-se a uma eleição manipulada por um cardeal, no nosso Brasil, veio a ponderar: "Então ninguém acredita em nós!" Falando da minha Espanha - e poderia falar de outros países, e de casos recentes - é claro que teria sido mais inculturado e pastoral nomear um bispo basco para Bilbao. E por falar na nossa América Central, é mais do que compreensível que muitos de nós tenhamos ficado chocados que, para suceder como pastor na igreja de Dom Romero, um mártir nas mãos da direita e do exército salvadorenho, um capelão desse exército foi eleito e de linha pastoral marcadamente outra.

Um livro, dirigido por René Luneau e Patrick Michel, acaba de sair em Paris com este título significativo: "Todos os caminhos não levam mais a Roma. Mudanças atuais no catolicismo".

Mais de 40 bispos dos Estados Unidos assinaram um documento ("Proposta para a reestruturação da Conferência Episcopal da América do Norte") que, entre outras coisas, desafia seus colegas da Conferência a refletirem sobre as relações entre as lideranças da Igreja e a buscar formas de agir que favoreçam sua comunicação com o povo. Eles pedem uma maior abertura e uma reafirmação da colegialidade; mostram-se insatisfeitos com os critérios de eleição do bispo e estimulam a criatividade para a construção de um mundo diferente. "A Igreja deve ser - dizem - um campo de competição para despertar o imaginário das pessoas na construção do futuro ..., articulando uma visão de Reino que atrai as pessoas, que aprofunda a sua relação com Deus e com os outros. "

As reformas recentemente solicitadas pelos católicos alemães e austríacos por meio da iniciativa popular da Igreja (a famosa KirchenVolksbegehren) não deveriam ser tão deslocadas quando atendem a demandas que ressoaram nas últimas décadas em todas as partes do mundo católico:

1. Construção de uma Igreja fraterna.

2. Plena igualdade dos direitos das mulheres.
3. Livre escolha entre modos de vida celibatários e não celibatários.
4. Avaliação positiva da sexualidade como parte importante do ser humano criado e aceito por Deus.
5. Mensagem de alegria em vez de mensagem de ameaça.

Esses católicos acrescentam, e eu assino, que “uma crise pode conter o germe de um declínio, mas também a oportunidade de um renascimento pleno de futuro”.

O Papa destacou sublinhar, como se respondesse a muitas reivindicações, a vontade da Igreja de reconhecer a igualdade social e eclesial das mulheres. No entanto, a resposta da Congregação para a Doutrina da Fé, de 28 de outubro de 1995, assumida pelo Papa, confirma a proibição categórica de se pensar no futuro acesso das mulheres ao sacerdócio. É, escreve o documento, “uma declaração formal que deve ser mantida sempre, em todo lugar e por todos os fiéis, visto que pertence ao depósito da fé”. Obviamente, o debate eclesial em torno deste problema não se esgota neste documento da Congregação para a Doutrina da Fé. Em seguida, já surgiram réplicas bem fundamentadas que a Igreja do futuro não poderá ignorar. O Espírito continuará falando.

Outra confiança, mesmo sabendo que se continua a ser rotulado de menos eclesial, ou eclesiástico. Se nós bispos não falamos na Igreja, não sei quem poderá falar ... A Congregação para a Educação Cristã ordenou que retirássemos do texto atualizado do Regulamento de formação sacerdotal que elaboramos na CNBB, estes dois parágrafos que transcrevo. E os transcrevo porque me parecem essenciais para uma autêntica formação sacerdotal cristã. Não entendo como se pode viver sem o que afirmam esses dois números inspirados:

N. ° 123: A identificação com Cristo Pastor e Servo de seus irmãos «leva a pessoa a submeter toda a sua vida ao Espírito, em atitude filial para com o Pai e em fiel vínculo com a Igreja» (PDV 45). Leva a uma espiritualidade de desapego, de encarnação na vida concreta das pessoas e de solidariedade com as suas causas, à luz do desígnio de Deus, como em Jesus de Nazaré (VMPPV 297), que se esvaziou e se tornou servo (Fil. 2, 5-11) ungido pelo Espírito para anunciar a Boa Nova aos pobres (Lc 4:18).

N. ° 124. Esta espiritualidade apoia o sacerdote na missão evangelizadora da nossa realidade latino-americana, levando-o a procurar, cada vez mais profundamente, a fidelidade aos sinais da presença e acção do Espírito, ao serviço da palavra da verdade, edificação da comunidade e comunhão, amor prenfim, aquelas virtudes características de uma espiritualidade libertadora: o sentido da misericórdia, a firmeza e a paciência nas tribulações e perseguições, a alegria de se conhecer ministro do Evangelho (DP 378-383).

Nestes textos tão evangélicos, os pobres, o povo, a espiritualidade libertadora, as perseguições ...? Incomodam por serem tão latino-americanos?

Agradeço novamente ao patriarca da moral, Bernard Häring, por seu livrinho, tão sereno e libertador, que está sendo traduzido em várias línguas "Es geht um's ganze". Na renovação que Häring pergunta "Tudo está em jogo", é verdade.

E devemos também agradecer ao digno ex-secretário da Conferência Episcopal Brasileira, Dom Antonio Celso Queirós, por seu texto sobre a "Evolução da CNBB".

Falar com clareza fraterna, partilhar mesmo pontos de vista contrários, exigir sempre mais transparência, mais liberdade, mais inculturação, são dons do Espírito e fidelidade eclesial e corresponsabilidade.

A Igreja não vive apenas de críticas. Viva acima de tudo pela fé e pela ação. Eventos e programas não faltam.

Já mencionei o COMLA V, que foi, sem dúvida, um grande momento missionário continental, com a participação de muitas Igrejas no mundo. A imprensa missionária, acima de tudo, fez muito eco sobre esse congresso. Gostaria de sublinhar um tema que mereceu muito debate e luz: As fronteiras da missão. Parece-me que ficou claro, na linha da inculturação nos vários povos e ambientes e face aos desafios da marginalização social, que a missão deve enfrentar fronteiras diferentes e não apenas geográficas. Limites culturais, econômicos, sociais, psicológicos, religiosos ...

A Mensagem do COMLA V é um manifesto histórico para a formação e ação missionária do nosso Continente.

A CNBB está lançando um Plano Integrado de Evangelização na perspectiva do fim do milênio, que coincide com os 500 anos da chegada da Europa e da Igreja ao Brasil, e que busca integrar as orientações da carta apostólica de João Paulo II "Tertio Millennio Adveniente" e na perspectiva do CELAM, para ser uma Igreja missionária que ajude a gerar uma sociedade solidária, com "vida plena para todos na América Latina e no Caribe". O plano pastoral reformulado da CNBB enfatiza: o testemunho da comunhão eclesial, a proclamação do Evangelho, o serviço e a participação na sociedade e o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Mais uma vez as organizações do Povo de Deus se reuniram em nosso Brasil e em Assembleia Nacional. Como destaca a comunicação do Conselho Permanente da CNBB, "está surgindo a ideia de um encontro mais amplo, em um processo vital, que reúna as presidências de todas as organizações, expressando melhor a realidade do corpo eclesial".

A preparação continua para o IX Encontro Intereclesial das CEBs, que será realizado em São Luís, Maranhão, de 15 a 18 de julho de 1997, com o tema: "CEBs, Vida e Esperança nas Missas".

A terceira reunião da comissão nacional já foi realizada e o texto básico com artigos muito pertinentes sobre catolicismo de massas, pentecostalismo, as massas dos excluídos, a relação entre comunidades e outros católicos, a experiência de Jesus e a pedagogia apropriada para o trabalho de massas . Os nomes de Clodovis Boff, Carlos Mesters, Pedro Ribeiro de Oliveira, Luís Eduardo Wanderley, Jung Mo Sung, etc. endossar suficientemente o conteúdo desse texto. A reunião também será em grande parte latino-americana, como foram as últimas inter-igrejas.

É interessante sublinhar a escolha do tema para esta IX intereclesia. As grandes massas são, por um lado, a grande maioria dos excluídos e, por outro lado, não são alcançadas de forma verdadeiramente evangelizadora pela Igreja; nem pela Igreja Católica nem pelas históricas Igrejas Protestantes. Fundamentalismos e propaganda consumista penetram nas massas.

A visita a Roma foi também, mais uma vez, um reencontro com as raízes: família, europeia, claretiana, eclesial. Cantei, olhando as ruas de Roma, dos velhos plátanos, agora ameaçados por não sei que praga:

As bananas de Roma

com suas estrelas verdes

Eu fui certo desde a infância.

E eu disse que também fiz uma viagem a Assis. Assis, Francisco, “o Evangelho sem glosa”, sempre te emociona. Solicitado a pedir, só soube pedir a São Francisco muito mais gratificações. Nos precisamos disto. Em meio a tantos interesses e suscetibilidades e desânimos. Deus é sempre graça. E devemos ser sempre, antes de tudo, a gratuidade que recebe e a gratuidade que dá.

Rumo a um macroecumenismo solidário

De 10 a 14 de outubro deste ano de graça celebraremos em Bogotá, Colômbia, o segundo encontro continental da APD, Assembleia do Povo de Deus. Com três objetivos:

1. Avaliar o caminho percorrido de Quito, em 1992, a Bogotá, em 96,
2. Aprofundar nossa identidade macroecumênica.
3. Incorporar e nutrir a esperança em torno da defesa da vida.

A APD, que surgiu como um encontro alternativo em meio às comemorações dos 500 anos, não é uma organização, nem mesmo um movimento; quer ser uma mobilização de pessoas que acreditam no Deus da Vida e querem dialogar inter-religiosamente; que estamos comprometidos com as Causas da libertação e que sentimos que somos a Grande Pátria, Abya Yala.

A própria expressão “macroecumenismo” suscitou medos e censuras. Injustificadamente. De fato, quer reforçar, por um lado, o verdadeiro ecumenismo entre as Igrejas cristãs, e o maior diálogo dessas Igrejas com as outras religiões, especialmente indígenas e negras, por ser o continente. Sempre enfatizamos salvar a respectiva identidade, porque queremos o diálogo que escuta e fala, recebe e dá. O oposto seria um monólogo. Eu entendo que os critérios para definir a bondade e a validade de todo ecumenismo e macroecumenismo serão:

-se me deixa mais confiante no Deus da Vida e, por isso mesmo, mais esperançoso;

-se isso me torna mais compreensivo com os outros e seus contextos e mais comprometido com suas causas libertadoras,

se isso me torna mais fiel ao essencial da minha fé. ("A essencialidade da fé", insistia o Cardeal Ratzinger em seu Dicastério. Concordo plenamente, desde que se trate da "essencialidade". Disse ao Cardeal, por exemplo, que temos a impressão de que ali, no centro exemplos, talvez a hierarquia de verdades e a hierarquia de valores não sejam suficientemente valorizadas, com as quais, a essencialidade ou a acidentalidade nem sempre aparecem distintas).

Nem o ecumenismo nem o macroecumenismo são tão fáceis ou tão válidos em nosso mundo de fundamentalismos fechados e proselitismo e de igrejas esmagadoramente eletrônicas. Aqui no Brasil, acabamos de vivenciar o incidente de um pastor acertando uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, o que provocou tantas reações exorbitantes. Para fazer um pouco de humor, pensei que se a Congregação daquele pastor se chama Igreja Universal do Reino, todas as Igrejas deveriam tentar ser justas, modestamente, Igrejas do Reino Universal.

O segundo APD vai ser na Colômbia, essa "rainha manchada de sangue", essa "sociedade urgente", essa "democracia genocida". A amada nação irmã foi descrita como tudo isso, com tantos grupos étnicos, contradições civis e eclesiais, tantas lutas do passado e do presente, e tantas esperanças ousadas. Na Colômbia, precisamente, a terceira Assembleia Nacional das CEBs proclamou: "a nossa missão está orientada para a defesa e promoção da vida e dos direitos dos pobres". O presidente da Organização Nacional Indígena da Colômbia, Abadío Green, insistiu em uma entrevista recente que o futuro do país é o intercâmbio e o diálogo; por uma paz com justiça, pela vida de todos.

A conjuntura latino-americana e mundial em que se realizará o APD é bastante conhecida. Alguém falou da atual "ordem mundial" antes da cúpula de Copenhague como "uma falsa premissa para as reformas profundas" de que nosso mundo marginalizado precisa. "As crianças da América Latina têm futuro?", Questiona a revista "Nuevamérica" com dados alarmantes. Brasil, Colômbia e Peru acabam de ser

ondenados como os três países do Continente com mais violações de direitos humanos. O México mergulhou em um colapso econômico que nem remotamente credencia a proposta neoliberal que desejava seguir fielmente. “O México encontrou o subdesenvolvimento”, escreve o boletim econômico “Dívida Externa”. No Brasil, por ocasião da Campanha da Fraternidade pelos excluídos, cifras avassaladoras voltaram a ser veiculadas: nosso país continua a ser um recorde de má distribuição de renda, aquele com maior distância entre salários máximos e mínimos; apenas 30% da população economicamente ativa, segundo a OIT, está inserida no mercado de trabalho formal; dos 70% excluídos da produção, 30% simplesmente não trabalham, 22% estão subempregados e 18% estão desempregados. No próprio Brasil, 20 grandes latifundiários possuem 20 milhões de hectares de terras, que, divididas em pequenas propriedades, poderiam atender a mais de três milhões de famílias. Setenta e cinco por cento da população brasileira aglomera-se desordenadamente nos centros urbanos. As terras indígenas no Brasil estão mais uma vez ameaçadas, sob a tentativa promovida pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim, com apoio do conservador Congresso Nacional, de alterar o Decreto 22/91 em favor de fazendeiros e mineradoras e madeireiras.

Na Guatemala, para citar um país da América Central ainda tão instável, no primeiro ano do Acordo de Paz, mais de 2.900 violações dos de direitos humanos, na tortura, execuções extrajudiciais, desaparecimentos e massacres coletivos. O “alto grau de impunidade” -que tantas vezes favorece os órgãos militares, policiais ou paramilitares, como nos casos brasileiros do presídio do Carandirú ou do campo de sem-terra de Corumbiara- é considerado o principal fator de violação dos direitos humanos em todo o continente. .

Não faltam réplicas de vida a todas essas explosões de morte, graças a Deus. No Brasil, os negros, de cerca de cinquenta milhões, têm celebrado com diversas manifestações e compromissos, os 300 anos do grande líder dos palenques, Zumbí. Entre essas manifestações, está o I Congresso Continental dos Povos Negros, realizado em São Paulo. As “pastorais sociais”, vinculadas à CNBB, conseguiram mobilizar a Igreja e o país em torno do “grito dos excluídos”, que agora se tornará uma fórmula de

mobilização anual, no âmbito da Campanha da Fraternidade. E o Movimento Sem Terra, que realizou seu III Congresso Nacional em Brasília, conseguiu conquistar a opinião pública e forçar até a máquina estatal ideologicamente contrária. Ocupando terra: fazendo reforma agrária. A CNBB lançou para este ano, de graça divina e desgraça neoliberal, 1996, a Campanha da Fraternidade em torno da política, com o estimulante lema bíblico: "Justiça e Paz se abraçam".

No México, a CONAI, presidida por Dom Samuel Ruiz, bispo de San Cristóbal de Las Casas - firme e serena apesar dos desentendimentos civis e eclesiais - continua estimulando o diálogo pela "paz com dignidade", reivindicada pelos zapatistas para Chiapas e para todo o país. A IV Conferência Geral da ONU sobre a Mulher, realizada em Pequim, desencadeou muitas manifestações e programas em prol da mulher em todo o continente. O Haiti supera a ameaça capital que há tantos anos estrangula o país: mais de 80 das 101 cadeiras de senadores e deputados e mais de 100 das 133 prefeituras foram conquistadas pela "mesa dos Lavalás". E na Guatemala, apesar de tudo, o massacre de Ríos Montt foi impedido, pelo menos, de se tornar presidente.

Vidas pela Vida é o tema e lema da Romería de los Mártires de la Caminhada na América Latina. Vidas e mortes para sempre, as vidas e mortes de nossos mártires. O seu testemunho, a sua memória, a sua glória presente obrigam-nos a fazer de cada uma das nossas vidas «uma só vida». No compromisso diário pessoal, familiar, comunitário; político e eclesial.

São tantos os novos paradigmas propagados que nos são apresentados hoje que podemos facilmente perder de vista e viver o mesmo paradigma de sempre: Vida, uma vida digna, vida para todas as pessoas e para todos os povos; a opção libertadora pelos pobres, que são vidas proibidas. Da fé cristã, então, a opção pelo Reino.

Em agosto celebraremos, na Argentina, os vinte anos do martírio de Enrique Angelelli, bispo de La Rioja, assassinado pelo exército da ditadura militar e cujo martírio não só o exército, mas também uma certa Igreja, por muito tempo quis hora de desaparecer. Na sua homenagem e pelo

nosso empenho recolho aqui, como selo desta carta circular, três conselhos evangélicos que nos deu o nosso Santo Angelelli do "interior":

Tem que continuar caminhando.

Não tenha medo de entrar na lama.

Com um ouvido no Evangelho e outro no Povo.

A cada um e a todos, e às respectivas comunidades ou organizações, um abraço muito fraterno no Deus da Vida e na Nova Humanidade com que Ele e nós sonhamos.

Pedro Casaldáliga

São Félix do Araguaia, MT, Brasil, ano 1996